

## **NOTAS PARA FUNDAMENTOS EM COMUNICAÇÃO (JOGO), MAGIA E DIVERSÃO.**

Grupo de Trabalho: Comunicação e novas mídias – comunicação

Autor: Raphael Dall’Anese (PUC-SP / SENAC-SP)

Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie [2009]. Atualmente realiza pesquisa de doutoramento no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É professor nos cursos de graduação em Design de Moda, Design de Interface Digital e Comunicação Visual do Centro Universitário SENAC. Também é membro pesquisador do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia (CISC).

Email: [raphaeldallanese@gmail.com](mailto:raphaeldallanese@gmail.com)

### **Resumo**

Munidos de varinha mágica, apontamos, definimos, invertemos e criamos realidade: refletimos imagens; nesse sentido, seguimos nos projetando para nível trans-histórico; para nível de limite superficial. Somos sujeitos divertidos, bipolarizados: apaixonados por nossa própria condição especulativa. O que nos resta (talvez), na nossa situação, é a magia do jogo simbólico para a continuidade plena e divertida das nossas relações de comunhão. Mágica e desinteressadamente, seguimos projetando imagens e, com elas, refletindo nosso divertido pensamento, isto é: seguimos jogando divertidamente. Partindo destas premissas apresentadas, o propósito deste texto é apresentar – a partir de argumentos do filósofo Vilém Flusser – notas e considerações, mesmo que precárias e cercadas por um sentimento de incerteza, que possibilitem examinar os problemas e as implicações da comunicação projetada pelo sujeito razoavelmente atual.

Palavras-chave: espelho, comunicação, magia, diversão, jogo.

A redação destas breves notas lançou-me em dilema de consciência que caracteriza bem a nossa noção atual de comunicação. O dilema é este: sinto, por um lado, uma fundamental desconfiança em relação aos estudos, debates e publicações – reservadas algumas ocorrências esporádicas espaço-temporalmente – que vêm sendo realizadas no Brasil, desde longa data, sobre a comunicação humana. Do outro lado sinto o prazer e a emoção de ver lançado à debate aberto um pensamento que tem perambulado em mim há algum tempo e que proponho colocá-lo em cheque a partir deste exato instante.

O risco assumido desde já torna-se responsável (isto é: admite resposta) na medida em que a própria consciência prepara-se para jogo dialético; como se estivesse pronta para o franco combate entre ela própria e seus possíveis desafiadores. Ao mesmo tempo, o dilema se configura justamente por haver esse sentimento, já colocado anteriormente, de irresponsabilidade diante de quase tudo o que foi apresentado até hoje. Este “quase” representa alguns poucos pensadores brasileiros nos quais busco fôlego para dar seqüência – de mãos dadas e em sociedade – a este lance louco rumo ao abismo tenebroso da nossa comunicação. A saída do dilema que encontrei foi essa.

O pensamento filosófico responsável em geral brota do próprio núcleo existencial e avança contra os problemas que se lhe opõem sem respeito pelas conseqüências de tal avanço. A sua única meta é penetrar os problemas, iluminá-los de dentro, e, se for possível, explodi-los. A nossa meta específica em relação ao nosso problema particular, no empenho de devolvê-lo ao seu estatuto de realidade e lançá-lo novamente ao universo tenebroso do qual nunca deveria ter saído, é explodi-lo e complexificá-lo. É dar início à construção de uma teia de relações que nos permitam dizer que a simplificação atribuída ao objeto, através de um discurso segundo o qual a nossa comunicação é um sistema de transmissão de sinais, ou até mesmo que a nossa comunicação é sistema de emissão e recepção de signos, onde sujeito é minimizado em sua capacidade cognitiva e observado redutoramente na condição de codificador e/ou decodificador de sinais, nos trouxe graves problemas epistemológicos e que “[...] apenas uma visão transdisciplinar poderá enxergar o objeto plurifacetado que é o processo comunicativo do homem [...]”. (Baitello Junior, 1998: 11) Para tanto, basta um único movimento: projeção.

\* \* \*

Em ensaio recente, intitulado “Da sombra projetada, ou sobre o caráter tenebroso da nossa comunicação”, apresentado e publicado nos anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação de 2010, nos empenhamos em observar os processos de comunicação a partir da projeção do fenômeno ao limite máximo da superfície reflexiva. Espelhamento foi o nosso propósito específico.

Poderíamos enfocar, se fosse o propósito, toda a história do pensamento do ponto de vista do espelho. Não seria, acreditamos, um ponto de vista desinteressante. Mas o propósito deste artigo é outro. Nutre a especulação inversa de que o nosso interesse pela comunicação humana tem atualmente uma estrutura diferente e emergente. Não estamos mais interessados somente no aspecto reflexivo, metodológico, subjetivo ou objetivo da comunicação. Perguntar-se sobre o que é a comunicação, nos parece sem significado. O nosso interesse está projetado diametralmente em oposição ao ensaio referido logo acima; está naquele caráter existencial coberto pela obscuridade da potencialidade emergente; está em saber o que, um dia, pode vir a ser a nossa comunicação ou se, sequer, um dia poderemos conhecê-la. Tentaremos projetar mergulho. Mágica será o projeto deste texto.

Neste texto, portanto, propomos inversão de projeto: nos lançamos – em queda livre – às profundezas tenebrosas donde emergem novas possibilidades em processos comunicacionais e onde estes processos ainda são inobserváveis – invisíveis. A própria baixa possibilidade de definição do universo abismal no qual nos lançamos impede a abertura dos olhos para livre observação destes fenômenos emergentes. Portanto, nesta situação desenhada, o que nos resta é pele, ouvidos e narinas.

Nossos ouvidos, ocupados e atentos com “Música de câmera”, automaticamente se retira deste projeto. Agora temos queda livre cega e surda. Diante da possibilidade tremendamente assustadora da simples utilização metodológica de pele e narinas, o que nos resta é gritar desespero puro. O grito realizado em queda livre, não ecoa e não encontra possibilidade de diálogo. Em mergulho às profundezas descobrimos que não há objeção. Suspeitamos, pela primeira vez, que o objeto pelo qual procuramos, inexistente. Não existe algo contra o qual podemos projetar. Destarte percebemos vazio absurdo.

Nesse sentido, interessar-se de fato por um determinado aspecto da realidade é embarcar em aventura lúdica rumo ao desconhecido sombrio, desprovido de todo o tipo de resguardo fundamental possível. Nossa tentativa de comunicação com aspectos reais de todo conhecimento possível sobre a nossa própria experiência como homens que jogam, representa estar no meio de uma floresta – ou de um deserto – sabendo que o perigo pode vir de qualquer lado; é não ter segurança alguma, é caminhar em solo sem fundamento, vazio; e isto pode ser aterrorizante: tenebroso.

Aqui, neste momento, parece ser necessária a definição, mesmo que baixa, disso que chamamos “tenebroso”. Vejamos: de gênese latina, remete ao contexto de algo ou alguém cheio ou coberto de trevas, onde não existe nenhuma claridade; obscuro; de difícil compreensão. É possível estar aqui a significação que desejamos definir como, ao menos, hipoteticamente válida para o nosso propósito: um contexto obscuro, de difícil compreensão; fenômeno ainda emergente que resiste e objeta contra uma possível cognoscibilidade: nossa divertida comunicação. A comunhão, como fenômeno e como modo de ser

emergentes, para nós, assume papel de objeto, isto é, objeto reflexivamente: reflete oposição. Comunicação nega como espelho; programaticamente, funcionam idênticos. Funciona como espelho e como reflexo: o movimento ocorre em um cenário de astúcias e fraudes; quem o produz articula códigos artificialmente; conspira maliciosamente a favor de um jogo programado para ser jogado, para ser fundamentalmente esgotado. Assume a aparência mágica que lhe foi conferida desde seu caráter mais íntimo e arcaico. Deste modo, a partir de uma articulação mágica de aspectos meramente aparentes, nos engana. Desfavorece a compreensão do fenômeno como realidade em si mesmo. E a partir destas configurações ardilosas, nos impele a impossibilidade cognitiva: nos diverte. Isto é: programaticamente, o universo da comunicação se projeta em nossa direção tendo por propósito a nossa diversão. Nega o quê? Nos diverte em relação a o quê? Deixaremos a exposição de algumas possíveis hipóteses – já formuladas por Flusser (Cf. Flusser, 1983; 2008) – para um próximo texto.

Continuando: tendo as duas narinas obstruídas por secreção empenhada em lance desesperado para fora do corpo, o que nos resta é a pele. Nessa situação o tatear é a única possibilidade.

Damos seqüência às proposições apaixonados por nosso próprio raciocínio e a proposta ainda é nos afundarmos ainda mais na tentativa de, imersos nas profundezas mais sinistras e tenebrosas, encontrarmos os fundamentos sólidos que tanto buscamos.

Em breve: cegos e surdos, gritando desesperadamente e com uma única ferramenta disponível para exploração: tato; em universo plano e superficial, configurado por pontos, cálculos e cálculos, a busca por fundamentos sólidos nas profundezas da nossa existência demonstra campanha frágil e absurda.

Nossa existência é queda livre em movimento de vórtice, do centro programador profundo e insignificante para os limites superficiais sólidos e densos em significado. Nossa proposta de inversão de projeto vai se apresentando insignificante; inversão besta.

Como possibilidade para a montagem deste cenário, podemos compô-lo a partir da estrutura mecânica de um *vortex*. Este termo representa nada além do próprio movimento de um vórtice: movimentos espirais ao redor de um centro de rotação. É movimento possível, que surge a partir de uma tensão inicial, tendo propósito mais geral de equilibrá-la. É movimento ambíguo e inverso: movimento de inversão, ou seja, a vorticidade pode representar essa oposição refletiva que diverte; pode representar aquele movimento que propusemos executar ao longo deste artigo; vejamos: *Vortex* pode revelar-se um bom termo para definir uma estrutura social centralmente programada; configurada espiraladamente, movimentando-se do centro ao limite. A direção de rotação que caracteriza o modo de operação do vórtice é relativo à força que o provocou. É uma relação de força: energia de ativação mecânica.

Talvez essa primeira vorticidade seja a própria alimentação sistêmica: retro-alimentação. Esse movimento – o vórtice – define a emergência, determinação e rumo de todas as coisas. Este movimento vorticial concentra seus interesses na emergência de novos limites. Vai na direção oposta ao movimento natural e devorador do aparelho. É movimento interessado em determinar potencialidade: está interessado em energia e poder. É empenho em expelir energia e poder.

Este exemplo de movimento é fruto – ainda “verde” – decorrente de uma pesquisa de doutorado em andamento. Procuramos demonstrá-lo aqui apenas para melhor visualização das implicações mecânicas do cenário atual. Ainda precisamos submeter o termo e o exemplo à diversos processos e exames dialéticos e posicioná-lo a partir do confronto com o legado da tradição, afim de amadurecê-lo, tirá-lo da precariedade conceitual e transformá-lo em modelo simbólico para uma possível compreensão do universo da comunicação. O paralelo entre este movimento – o vortex – e as relações sócio-existenciais atuais pode ser extremamente rico em sugestões e pontos de partida para especulações filosóficas futuras. Como toda parábola, pode ser facilmente exagerado. Não pretendemos forçar demasiadamente este processo neste momento: tarefa para os próximos meses e anos.

\* \* \*

Essa nossa busca penosa rumo ao inarticulável, rumo às profundezas obscuras que, sob nossa – talvez ingênua – crença, fundamentam toda comunicação possível, aparenta ser um sopro de verdadeira religiosidade; sem me dar conta deste aspecto conscientemente, agarrei-me a ele. Agora, conscientemente continuo nele.

Em mergulho empenhado em compreensão do entorno comunicativo, as mãos parecem ser a última alternativa; parece ser o fôlego para toda futura experiência possível. As mãos, enrijecidas pelo desespero, tentam tocar, agarrar, separar e anexar o corpo à coisa de lhe chama atenção. Elas criam um espaço que elas mesmas preenchem, estruturam e dão forma. As mãos tentam informar a qualquer custo. Parece que existem para a realização dessa única tarefa: informar. As mãos parecem ser instrumentos de determinação.

Nessa queda, as mãos também parecem ser instrumentos precisos da fenomenologia, já que buscam agarrar e definir momentos ou fenômenos; sempre empenhadas no justo posicionamento diante do fenômeno em si. A gestualidade das mãos busca certeza. O gesto das mãos é repetitivo, automático. Em franco mergulho nossas mãos não se bastam coladas ao resto do corpo; não procuram tocar ou até mesmo agarrar o próprio corpo. Elas procuram, automaticamente, o que está para além do corpo. Interessante: as nossas mãos empenham-se em projeção para fora do corpo. Se possível –

e acreditamos que seja – nossas mãos transformar-se-iam nas próprias coisas para as quais se projetam.

O significado desse empenho das nossas mãos não está livre de contextualização. Em queda livre, para abismo escuro e tenebroso, qual o significado destes gestos? Em contexto como o descrito acima nossas mãos se colocam à frente do corpo como escudos protetores. Como frentes de batalha prontas para o combate; estão sempre em limite de ataque. Em existência programada que descreve queda livre em movimento de vórtice, do centro programador profundo e insignificante para os limites superficiais sólidos e densos em significado, nossas mãos assumem posição protetora: empenham-se em sujeito. Em mergulho filosófico que descreve movimento de vórtice inverso, dos limites superficiais para centro programador profundo e insignificante, nossas mãos assumem posição de ataque: posicionam-se para projeto.

Podemos, contudo, propor inversão de posicionamento. A inversão pode tornar-se possível caso a “Música de câmara” seja desligada e os nossos ouvidos oferecidos ao combate novamente. A oferta e reposicionamento dos ouvidos parece bom motivo para continuarmos mergulho livre num próximo ensaio.

### **Referências:**

BAITELLO JUNIOR, Norval. *Comunicação, mídia e cultura*. Revista da Fundação Saede. vol. 12, nº 4, 11-16, Out/Dez 1998.

FLUSSER, Vilém. *Alguns aspectos filosóficos da automação*. In: Revista Brasileira de Filosofia, vol. XX, fasc. 77, 58-70, Jan/Mar, 1970.

\_\_\_\_\_. *O repertório do pensamento*. ITA-Humanidades, vol. 5: 44-51, 1969.

\_\_\_\_\_. *O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume, 2008.

\_\_\_\_\_. *Pós-História: vinte instantâneos e um modo de usar*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.